

“Êxule Sísifo”: a metáfora do não pertencimento nos poemas “Paris-Texas” e “O Doublé”, de José Antônio Assunção

“Exiled Sisyphus”: the non-belonging metaphor in the poems “Paris-Texas” and “O Doublé”, by José Antônio Assunção

Jonas Jefferson de Souza Leite¹

DOI: 10.28998/2317-9945.2019n63p322-325

Recebido em: 27/04/2019.

Aceito em: 10/05/2019.

José Antônio Assunção, infelizmente, é um poeta pouco conhecido no cenário literário nacional. Natural do Rio Grande do Norte, nascido em 1953, mudou-se cedo para a Paraíba, passando a infância em Cuité, e depois, em Campina Grande, onde participou ativamente, nos anos de 1970, do cenário artístico-cultural da cidade. Hoje reside em João Pessoa e trabalha como produtor cultural da Universidade Federal da Paraíba.

Os dois poemas que trago à análise pertencem ao livro *O Câncer no Pêssego*, de 1992. A evidente metáfora calcada no volume poético destaca, de pronto, aquilo que servirá de linha de Ariadne a este ensaio: a questão da inadequação, pois a imagem do título encerra uma junção inesperada de elementos díspares e traz à tona um efeito bruto, pois inesperado: câncer e pêssego só habitam a mesma frase por força do engenho literário, que rompe, por excelência, as fronteiras semânticas originais das palavras. Mesmo assim, há ainda a perplexidade, e essa força principiada em opostos é conjugada por Assunção em todo o livro. É a ferida por trás da beleza que o autor quer revelar, sem que a segunda, mesmo que se pense o contrário, seja eclipsada pela primeira. Essa difícil equação sintetiza, portanto, a profundidade existencial que sublinha o trabalho do Poeta, consubstanciado por uma incessante – talvez vã – busca. Não à toa, uma das partes do livro chama-se “Exercício de Sísifo” – patente referência ao trabalho inglório, castigo dos deuses, imposto a Sísifo, podendo ser lido, em chave poética, como a eterna busca do homem, marcado pelo signo da incompletude – Sísifo de si, ou melhor, como diz Assunção “és Sísifo e porque Sísifo/jamais escalarás o cume do teu ser” (1992, p. 67). Assim, a busca vã pelo pertencimento gera, no eu lírico de Assunção, um efeito colateral: o não pertencimento e, conseqüentemente, a crise que isso acarreta.

O primeiro poema que trago à baila é “Paris-Texas”. Há evidente intertextualidade com o filme de mesmo nome, lançado em 1984². A personagem Travis, no início do filme, vaga em crise pelo deserto, está em busca de si, depois de um forte desencanto afetivo. Travis

¹ Doutor em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor da Universidade de Pernambuco.

² *Paris, Texas*, lançado em 1984, é um filme francês e alemão, dirigido por Wim Wenders.

guarda consigo a fotografia de um lote chamado Paris, no Texas, e esse *locus* perdido é a chave para a busca empreendida por ele e é o mote arquitetado por Assunção para evidenciar a crise que afeta o eu lírico do seu poema. Eis o texto:

Paris-Texas
Algum dia sonhei Paris.
Ver a Torre Eiffel de Paris
o museu do Louvre de Paris
les fleurs des Champs-Elisées de Paris.

Depois conheci Drummond, li
Pessoa, Borges, Camus
e de algum modo fui (sem ver Paris)
o errático Rimbaud, sem tempo de Utopia.

O sentimento do mundo vinha adiposo com Bibi
mercador das flores do tédio onde aprendi
que o homem é êxule Sísifo,
estrangeiro em Paris como em qualquer lugar.

Hoje, já não sonho Paris; vivo o Texas,
Dante. Aos olhos de um homem em crise
toda geografia é o mesmo acidente (ASSUNÇÃO, 1992, p. 58).

Para além da intertextualidade do título, o poema se constrói de outras intertextualidades: o eu lírico lê Borges, Pessoa, Camus, Drummond e, através deles, realiza a proeza de conhecer, sem ir, Paris, sendo, metaforicamente, o errático Rimbaud. Nas duas primeiras estrofes, o sonho do eu lírico de conhecer Paris é acessado/realizado pela Literatura, num tempo marcado por advérbios de semântica ligada à incerteza: “algum” e “depois”. Bem diferente do último advérbio, manejado na derradeira estrofe, – o “hoje” instaura a crise e retira a incerteza do tempo. Assim, o eu lírico, depois de experimentar, sem a utopia, a Paris de Rimbaud, já não sonha mais com a cidade, pois de alguma maneira compreendeu que, para além do desejo de pertencer, a crise que se instaura no íntimo do ser é maior do que qualquer geografia – as nossas incertezas nos acompanham pela estepe e pelo deserto, aqui ou em qualquer outro lugar, pois somos “êxules Sísifos” e as nossas dores transcendem as fronteiras dos nossos possíveis itinerários. José Antônio Assunção ressalta, portanto, a ideia do estrangeiro que há dentro de nós, da não conformidade, da não adequação – sintomas de uma fragmentação do sujeito que a todo tempo busca pertencer, mas sem sucesso: é o trabalho de Sísifo.

A terceira estrofe, junção de Baudelaire e Drummond, delimita o sentimento de crise, rompendo o aparente êxito das duas estrofes anteriores: a Literatura, agora, perde a função edificante e de fruição e passa a ser elemento não só de confrontação, mas também de um aprendizado. O eu lírico deixa a experiência de Paris e adentra a noção do Texas, mudando radicalmente de postura e de espaço, a experiência da metrópole cede lugar à solidão do deserto. Ao fim e ao cabo, essas duas instâncias geográficas quedam-se irrelevantes, pois ciente da crise e do não pertencimento, “toda geografia é o mesmo acidente”.

A figura de Bibi, livreiro de Campina Grande³, é quem estabelece a ponte (e também ensina) entre a literatura de fruição (emanada nas duas primeiras estrofes – ser Rimbaud e

³ Segundo o professor José Mário da Silva, Bibi foi um vendedor de livros em Campina Grande, na Paraíba. Conforme o pesquisador, “a sua atividade de vendedor de livros e a sua gordura se evidenciam no verso de

ver Paris) com a Literatura de confronto, aquela que vem adiposa, densa e faz perceber o peso que é suportar o sentimento do mundo, conforme elucidada o eu lírico de Drummond. Dessa maneira, se instaura o núcleo do poema: somos estrangeiros aqui e alhures. E as crises internas, como aquela que acometeu Travis em *Paris, Texas* são reveladoras do caos que tentamos recalcar, resolver ou estancar – a crise, na ótica do poema, engendra o não pertencimento e deslegitima, desorganiza a tentativa de pertencer a Paris ou a outro canto. A crise é maior do que qualquer geografia, assevera Assunção...

Essa dimensão extremamente subjetiva, já evidencia os questionamentos presentes no segundo poema proposto:

O Doublé

Agora eu me expurgo de mim mesmo
Em busca do Outro em que me encarcerero,
e é mais que horror o poço interno
em que eu sou duplo, quando não sou vário.

Onde eu sou blefe, onde sou sincero?
onde a costura no cetim-inferno,
se a cada ponto que no meu signo encerro
outro ponto esgarço, em sentido inverso?

Ah, Ser de angústia, Ser de desespero!

Terrível é o Deus que por esmero,
te criou assim para o degredo
de ser cúmplice de si próprio
e doublé de si mesmo (ASSUNÇÃO, 1992, p. 41).

O ciclo tautológico da busca acomete o eu lírico de Assunção, que tenta compreender a razão de tal exercício sem fim: em busca do outro em que se encarcerara, depois de expurgar-se, o sujeito poético não encontra respostas, mas a constatação da ambivalência terrível de ser “duplo” e “vário” – em nenhuma das hipóteses chega-se a um denominador comum, há sempre o fantasma de um ou de uns outros que desnorteiam o eu lírico. A busca é permeada pelo sentimento do degredo: desde Adão, o homem é desterrado, expulso do paraíso, será estrangeiro onde estiver. Sob esse signo, ao longo dos séculos, o homem buscou, em vão, respostas às questões metafísicas que se lhe impuseram: Quem sou? Para onde vou? O que há depois da morte?... Dessa maneira, o capricho divino, conforme acentua Assunção, transforma o homem em um ser propício ao exílio em si, encarcerado na impossibilidade de ser, de estar, em virtude de não compreender o que se é ou o que finge ser. Em tempos líquidos, performamos, a todo tempo, papéis sociais, “vendemos”, nas redes de interação da internet, a imagem daquilo que julgamos ou queremos ser, sem, muitas vezes, darmos conta que estamos sendo Sísifos de uma busca pela Canaã dentro de nós e a crise é, nada mais, que a difícil revelação da incapacidade de achá-la. Assim, de forma remendada, transformamos em cúmplices de nós próprios e doublés de nós mesmos.

Com efeito, com a leitura do poema, é imperioso pensar: quem é o doublé? O eu que é o outro ou o outro que sou eu? Não ser o “eu”, nem ser o “outro” – síntese poética de Mário de Sá-Carneiro (“Eu não sou o eu, nem sou o outro,/ Sou qualquer coisa de

Assunção 'O sentimento do mundo vinha adiposo com Bibi'. O referido poema é marcado pela acentuada presença da intertextualidade, aliás, essa é a marca do livro como um todo”.

intermédio:/ Pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro” [SÁ-CARNEIRO, 2014, p. 56]) –, instaura, no texto em relevo, o âmbito da busca pelo que se é. O sujeito fragmentado não terá como resolver essa empreitada, pois para cada ponto que se avança, outro ponto se esgarça – a busca, portanto, ganha ares de trabalho interminável, dentro de um diapasão em que as faces do blefe e da sinceridade são difíceis de equacionar.

Assim, nos poemas visitados, a busca incessante por pertencer, por se encontrar, impossíveis de concretização total, geram a angústia e a perplexidade. A poesia de Assunção é clivada por essas imagens de idas e vindas, de anseios de encontrar, mas eclipsados pela atroz consciência de não conseguir. No último poema de *O Câncer no Pêssego*, “Desfecho ou Tradução” a imagem metapoética do trabalho com a linguagem evidencia o percurso de um trabalho inglório, mas necessário – espécie de “doce castigo”, para mantermos a continuidade da imagem inesperada de uma doença em uma fruta. Percebam: “Nada me ocupa mais que a palavra/ E toda palavra me culpa. / Nada me atrai mais que a palavra/ E toda palavra me trai” (ASSUNÇÃO, 1992, p. 89). Além do belo efeito sonoro provocado pelo jogo paronomástico, que dá ao poema ares de um trava-língua, a questão metapoética também mimetiza uma questão existencial: na “ocupação” há o gérmen da “culpa” e na “atração” existe a semente da “traição”. É esse tipo de não adequação, portanto, que se espalha desde o título do livro debatido. Dessa maneira, a Sísifa busca não cessa e o eu lírico segue, cúmplice de si próprio em busca de novas geografias.

Por fim, a metáfora da busca, encerrada na impossibilidade de obtenção do encontro total, gera a sensação de não pertencimento, de inadequação. Seja onde for, na tentativa que for, nunca poderemos olvidar de que “aos olhos de um homem em crise/ toda geografia é o mesmo acidente”.

Referências

ASSUNÇÃO, José Antônio. **O câncer no pêssego**. João Pessoa: Ideia, 1992.

SÁ-CARNEIRO, Mário. **Poesia reunida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.